
O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO NA ÁREA URBANA DE FAXINAL DO SOTURNO, RS

THE VERTICALIZATION PROCESS IN THE URBAN AREA OF FAXINAL DO

SOTURNO, RS

EL PROCESO DE VERTICALIZACIÓN EN EL ÁREA URBANA DE FAXINAL DO

SOTURNO, RS

Amanda Rech Brands

Universidade Federal de Santa Maria, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Santa Maria, Brasil. amanda.rech@acad.ufsm.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8243-3907>

Pedro Leonardo Cezar Spode

Universidade Federal de Santa Maria, Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Santa Maria, Brasil. pedrospode@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7562-5430>

Maurício Rizzatti

Instituto Federal Catarinense, Pós-Doutorado em Geografia. Docente do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), Brusque, Brasil. geo.mauricio.rizzatti@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1795-9002>

Natália Lampert Batista

Universidade Federal de Santa Maria, Pós-Doutorado em Geografia. Docente do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Santa Maria, Brasil. natalia.batista@ufsm.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1884-2340>

RESUMO

A verticalização urbana é um processo que atinge todas as escalas de cidade, das Metrôpoles aos pequenos núcleos urbanos. Este é o caso da pequena cidade de Faxinal do Soturno, na porção central do estado do Rio Grande do Sul, na região denominada como Quarta Colônia. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho esteve ligado à espacialização e análise dos edifícios verticais localizados na área urbana

de Faxinal do Soturno, a partir de levantamento de dados realizado em campo no ano de 2022, por meio do aplicativo QField, a partir do projeto elaborado no software QGIS, para a coleta de equipamentos verticalizados e seu número de pavimentos. Os dados permitiram identificar a reprodução de edifícios verticais na área urbana de Faxinal do Soturno, especialmente na porção central, mas com tendência de expansão para outras áreas mais distantes. São mais numerosos os edifícios com três e quatro pavimentos e mistos em termos de função, geralmente comércios no primeiro pavimento. Conclui-se que a verticalização é um processo que vem ocorrendo em todas as cidades da região da Quarta Colônia, em diferentes níveis de intensidade, alterando a dinâmica econômica destes municípios majoritariamente rurais e, conseqüentemente, transformando a paisagem urbana.

Palavras-chave: Processos Socioespaciais; Planejamento Territorial; Quarta Colônia.

ABSTRACT

Urban verticalization is a process that affects cities of all scales, from metropolises to small urban centers. This is the case for the small town of Faxinal do Soturno, located in the central portion of the state of Rio Grande do Sul, in the region known as Quarta Colônia. In this sense, the objective of this work was related to the spatialization and analysis of vertical buildings located in the urban area of Faxinal do Soturno, based on data collected in the field in 2022, using the QField application, from a project developed in QGIS software, to collect verticalized buildings and their number of floors. The data allowed us to identify the reproduction of vertical buildings in the urban area of Faxinal do Soturno, especially in the central portion, but with a tendency to expand to more distant areas. Buildings with three and four floors and mixed-use in terms of function, generally with shops on the ground floor, are more numerous. It is concluded that verticalization is a process that has been occurring in all cities in the Quarta Colônia region, at different levels of intensity, altering the economic dynamics of these predominantly rural municipalities and, consequently, transforming the urban landscape.

Keywords: Socio-Spatial Processes; Territorial Planning; Quarta Colônia.

RESUMEN

La verticalización urbana es un proceso que afecta a todas las escalas de ciudad, desde las metrópolis hasta los pequeños núcleos urbanos. Este es el caso de la pequeña ciudad de Faxinal do Soturno, ubicada en la porción central del estado de Rio Grande do Sul, en la región conocida como Cuarta Colonia. En este sentido, el objetivo de este trabajo estuvo relacionado con la espacialización y el análisis de los edificios verticales ubicados en el área urbana de Faxinal do Soturno, a partir de datos recolectados en campo en 2022, utilizando la aplicación QField, a partir del proyecto elaborado en el software QGIS, para la recolección de edificios verticalizados y su número de pisos. Los datos permitieron identificar la reproducción de edificios verticales en el área urbana de Faxinal do Soturno, especialmente en la porción central, pero con tendencia a expandirse a áreas más distantes. Son más numerosos los edificios de tres y cuatro pisos y de uso mixto en cuanto a función, generalmente con comercios en la planta baja. Se concluye que la verticalización es un proceso que se ha estado produciendo en todas las ciudades de la región de la Cuarta Colonia, a diferentes niveles de intensidad, alterando la dinámica económica de estos municipios predominantemente rurales y, en consecuencia, transformando el paisaje urbano.

Palabras clave: Procesos Socioespaciales; Planificación Territorial; Quarta Colônia.

1 – Introdução

As pesquisas de caráter urbano ascenderam dentro da Geografia, principalmente no âmbito da Geografia Crítica, em que se começou a tratar do espaço geográfico como um espaço de lutas sociais, evidenciando os agentes causadores das crises enfrentadas pela sociedade (Moraes, 2007), permeado pela busca pelos direitos humanos. Nesta perspectiva, a Geografia tratou de estudar os diferentes fenômenos socioespaciais que impactam os grupos sociais urbanos, como a segregação, a exclusão, a horizontalização, a verticalização urbana, entre muitos outros.

Estes processos foram amplamente analisados para as grandes e médias cidades brasileiras, sobretudo os centros urbanos das regiões Sudeste e Sul do país. No entanto, nos últimos tempos, observa-se uma lacuna existente nestes estudos para as pequenas cidades (Corrêa, 2011). Isto é, o foco esteve ligado, principalmente, à compreensão dos processos urbanos que ocorrem nas grandes cidades, de maiores concentrações populacionais, sobretudo as Metrôpoles, sendo reduzidas as abordagens que tratam dos processos urbanos que ocorrem também nas pequenas cidades. Embora ainda muito reduzidos e diversos em termos teóricos e metodológicos, são de fundamental relevância os estudos sobre as pequenas cidades brasileiras, uma vez que os fenômenos socioespaciais vêm se reproduzindo de maneira muito particular nestes núcleos urbanos.

Existem várias interpretações e descrições das pequenas cidades, pois os padrões socioespaciais variam entre os diversos centros urbanos. A verticalização urbana, objeto de nosso estudo, embora seja mais evidente em grandes e médias cidades, ilustra um processo cujas repercussões socioespaciais se manifestam em diferentes graus e dimensões nos contextos urbanos também das pequenas cidades, sendo atravessado pelas dinâmicas que ali ocorrem, configurando-a de maneira própria, de forma distinta dos espaços urbanos de maior porte.

O processo de verticalização aqui é entendido a partir da perspectiva conceitual de Souza (1994), que o define como “[...] resultante, no espaço produzido, de uma estratégia de múltiplas formas do capital - fundiário, produtivo, imobiliário e financeiro, que cria o espaço urbano” (Souza, 1994, p. 135). Ou seja, este processo nada mais é do que uma das formas de representação material no espaço urbano dos efeitos da ação capitalista, em que nas grandes cidades aparecem significativamente atuando como um agente da divisão social deste espaço, estando também diretamente ligado à prestação de serviços e habitação.

A verticalização urbana representa a ampliação do espaço urbano disponível. Por exemplo, em um terreno onde inicialmente caberia apenas uma residência unifamiliar, ao construir um edifício, essa capacidade é significativamente aumentada, já que a maioria dos prédios verticais tem pelo menos três pavimentos. Assim, a verticalização implica na utilização mais eficiente do território através da construção de edifícios verticais, envolvendo diversos atores sociais e, conseqüentemente, alterando a paisagem urbana das cidades (Rizzatti; Spode; Batista, 2022). No entanto, nas pequenas cidades os processos socioespaciais se reproduzem em diferentes ritmos e dinâmicas, não podendo ser comparados à risca com as médias e grandes cidades. Isto é, os conteúdos sociais atribuídos às formas que são materializadas nesses pequenos núcleos urbanos estão ligadas, por vezes, a uma racionalidade muito mais local do que global, embora jamais estejam desvinculadas do sistema/mundo. Mantendo a atribuição do espaço no sistema capitalista de atender a uma função produtiva (Santos, 2021), mesmo em realidades mais distantes do que as das Metrôpoles, que altera não apenas a função e dinâmicas do espaço, como também sua paisagem.

Um exemplo disso pode ser identificado nos próprios municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana, nos estudos de Manfio (2021), a respeito do processo de verticalização. A autora pontua que, diferente do que ocorre nos grandes centros urbanos, nas pequenas cidades da Quarta Colônia, a verticalização tem um caráter familiar, com os prédios possuindo usos mistos, desempenhando mais de uma função, majoritariamente sendo residenciais e comerciais. Em outras palavras, na maioria dos municípios da região os prédios são construídos pelas famílias que os habitarão, com o térreo empregando o papel de garagem ou recebendo lojas comerciais que podem ser tanto dos proprietários dos equipamentos, quanto de terceiros (Manfio, 2021).

Na realidade, os estudos sobre processos socioespaciais, como o da verticalização urbana, ainda são escassos para as pequenas cidades, como são raros os estudos sobre as desigualdades, a pobreza, entre outros fenômenos urbanos. Um rápido levantamento bibliográfico nas principais plataformas de pesquisa online pode comprovar tal assertiva. Apontamento que, de mesmo modo, se encontra presente nas reflexões elaboradas por Corrêa (2011), o qual já demonstrava a necessidade de se olhar para a realidade das cidades de menor porte .

Nesse sentido, este artigo visa contribuir com as discussões acerca das pequenas cidades, tendo como objetivo principal a espacialização e análise do processo de verticalização urbana na área urbana do município de Faxinal do Soturno, na região central do estado do Rio Grande do Sul.

No que diz a respeito das definições conceituais de pequena cidade, concordamos com Corrêa (2011), quando este classifica tais cidades a partir de suas características históricas e territoriais, identificando a importância de pensar as pequenas cidades na confluência entre o urbano e o rural.

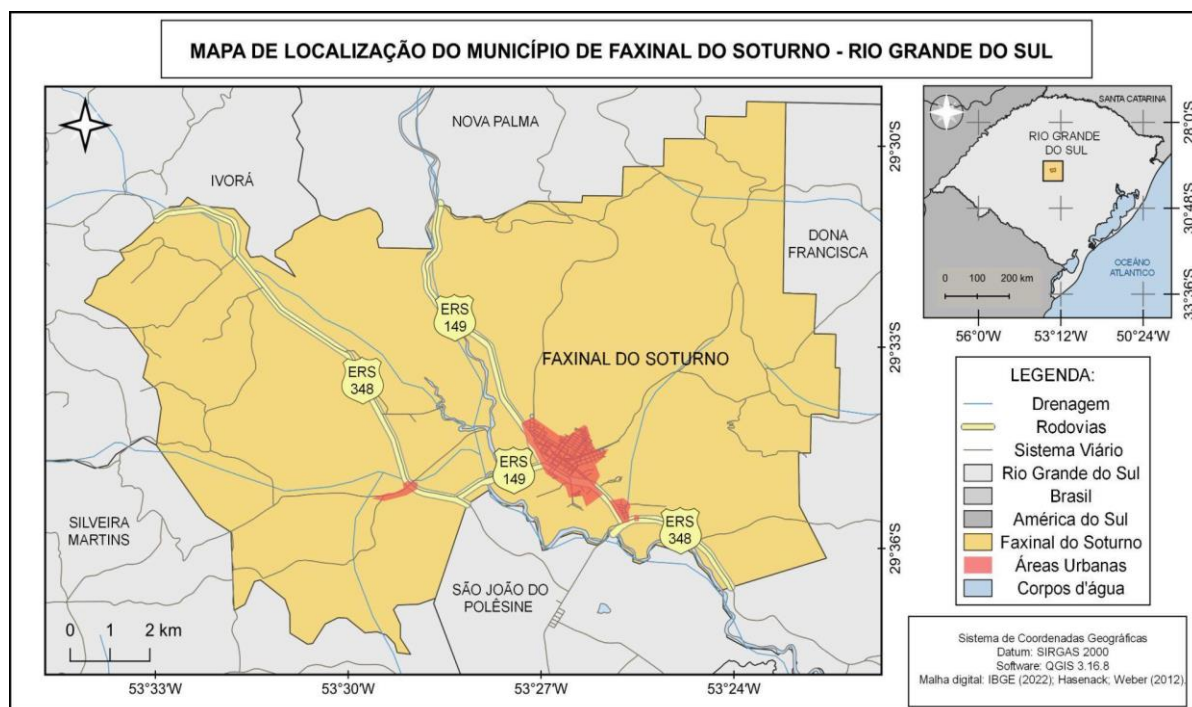
Com isso, para se atingir o objetivo estipulado, optou-se pela aplicação metodológica de levantamento de dados primários por meio de saída de campo para coleta destas informações por meio do aplicativo QField, como forma de mapear a expressão da verticalização em Faxinal do Soturno - RS e para subsidiar a discussão teórica acerca do fenômeno. Desse modo, portanto, o trabalho está estruturado em quatro seções principais: introdução, aspectos históricos do município de Faxinal do Soturno, metodologia e resultados. Além destes, as considerações finais e referências bibliográficas utilizadas no texto.

2 – Faxinal do Soturno: aspectos históricos

O pequeno município de Faxinal do Soturno conta atualmente com 6.702 habitantes (IBGE, 2023), segundo atualizações do Censo Demográfico de 2022, tendo sido emancipado dos territórios que pertenciam aos municípios de Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos no ano de 1959 (Rio Grande do Sul, 2018). Está localizado geograficamente na porção centro oriental do estado do Rio Grande do Sul, como evidencia a Figura 1. No entanto, durante a sua formação, primeiramente seu território pertenceu a Colônia de Silveira Martins, a Quarta Colônia de Imigração do Estado estabelecida no ano de 1874 (Righi; Bisognin; Torri, 2001), sendo povoado, majoritariamente por imigrantes vindos da Itália, desde a década de 1870 (Sponchiado, 2019).

A Colônia de Silveira Martins, após passar pela emancipação em 19 de agosto de 1882 pelo Decreto nº8.641, começou a compor o território de Santa Maria, RS, na posição de 5º distrito e a ser denominada como ex-colônia, mas em razão do forte fluxo de imigrantes ocasionou na criação da Comissão de Medição de Lotes e Estabelecimento de Imigrantes, responsável por alocar essas pessoas em áreas devolutas distribuídas em núcleos. Encontravam-se então divididas em diferentes núcleos, como do Núcleo Dona Francisca, que fazia divisa com a colônia, o Núcleo Norte, atual Ivorá, Núcleo Soturno, agora território pertencente ao município de Nova Palma, Núcleo Toropi, Núcleo Jaguari e Núcleo Ijuí-Grande (Sponchiado, 2019).

Figura 1. Mapa de Localização de Faxinal do Soturno, RS.



Fontes: IBGE, 2022; Hasenack, Weber, 2012. Elaboração: Os autores, 2024.

A chegada ininterrupta de novos imigrantes e o crescimento populacional contínuo fez com que as áreas restantes, ainda desocupadas entre os núcleos, passassem a ser povoadas gradativamente e, em 1886, as terras pertencentes a ex-colônia de Silveira Martins sofreram outra modificação, dividindo-se e passando a incorporar outros três territórios, respectivamente, Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos e Santa Maria. Já em 1888, o ainda existente Núcleo Soturno, anexado a Cachoeira do Sul, teve de ser novamente alterado, devido à crescente população, passando a ser duas localidades, o Barracão, município de Nova Palma, e Geringonça, futuro Novo Treviso, agora Faxinal do Soturno (Bisognin, 2019).

Em meados de 1888 quatro imigrantes deram início ao que se tornaria Faxinal do Soturno, os principais pioneiros da história do município, o quais corroboram para o engrandecimento municipal. Entre eles estão João Batista Zago, imigrante italiano que chegou a área em 1896 sendo uma forte influência para a religiosidade ali instaurada (Busanello, 1984), promovendo as crenças de forma imaterial, com a devoção a São Roque, e de maneira material, favorecendo a igreja com sinos, imagens santas e demais objetos que necessitava. José Marques Ribeiro, ou Coronel Marques, outra figura de destaque, exerceu diversas funções no município, desde

subdelegado policial, até como médico, suprimindo uma parcela da demanda populacional por saúde e segurança (Busanello, 1984).

Os outros dois nomes de grande importância foram os de Vicente Pigatto e de Vitório de David. Quanto ao primeiro, tendo chegado logo após 1892, entende-se que sua relevância ao cenário local se deu em razão de seus trabalhos envolvendo o ramo da construção civil, na confecção de estradas de ferro entre Faxinal do Soturno e Restinga Sêca, na elaboração de pontes e bueiros, também desempenhando forte papel no cenário religioso e educacional. Já Vitório de David, que se mudou para a região em 1893, construiu junto de João Batista Zago, seu sogro, a Igreja Matriz São Roque, auxiliando como enfermeiros os trabalhos de Coronel Marques e de Doutor Bertoldi, além de ser membro ativo da igreja (Busanello, 1984).

Através das atividades desenvolvidas por estes quatro imigrantes, a localidade se destacou, atraindo mais habitantes e, conseqüentemente, desenvolvendo novas atividades, alcançando seu auge nos anos de 1930 com atividades comerciais e o desenvolvimento da Usina Hidrelétrica Nova Palma, surgida da união entre Faxinal do Soturno e Nova Palma. Em decorrência destes avanços, em 1950, a população ali residente já desfrutava do uso de energia elétrica e da presença de uma rede de abastecimento de recursos hídricos, tendo uma boa qualidade de vida, promovendo a sua emancipação antecipada, sendo o primeiro município da Quarta Colônia a se tornar independente (Bisognin, 2019).

A partir disso o município continuou em desenvolvimento, sem desvincular-se das atividades rurais, com produção de arroz, tabaco, mandioca, entre outros produtos, mantendo um caráter rural-urbano. Além disso, tendo em vista também a sua população que não atinge a marca de 10 mil habitantes, e sua historicidade, sendo ela uma antiga área de colonização italiana, compreende-se que Faxinal do Soturno caracteriza-se como uma pequena cidade que, assim como os demais presentes nessa categoria, carece estudos sobre sua configuração urbana.

Um fato que merece destaque na história recente de Faxinal do Soturno foi a confirmação da Quarta Colônia como Geoparque Mundial da UNESCO, resultado de anos de trabalho que envolveu a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS), integrando os poderes públicos dos municípios, terceiro setor, empresas e comunidade no geral (Geoparque Quarta Colônia, s.d.). Portanto, a promulgação da Quarta Colônia enquanto Geoparque UNESCO, altera a dinâmica dos municípios que constituem a região, principalmente econômica, uma vez que atrai investimentos econômicos, sobretudo ligados ao setor do turismo.

3 – Metodologia

Metodologicamente, utilizou-se de uma abordagem quali-quantitativa, em que, inicialmente, apresentou-se o perfil geral do município, com dados históricos e populacionais e, posteriormente, discutiu-se a ocorrência do fenômeno da verticalização. Foram levantados dados primários dos edifícios da área urbana de Faxinal do Soturno, a partir de trabalho de campo, que permitiram a espacialização da verticalização na cidade. Também foram levantados dados qualitativos (fotografias e registros em diário de campo) da situação urbana do município, como dos demais municípios que integram a Quarta Colônia, o que contribuiu para o entendimento mais aprofundado a respeito da rede urbana em que Faxinal do Soturno está inserida.

O trabalho de campo ocorreu no mês de dezembro do ano de 2022 e contou como a utilização do aplicativo QField, conforme metodologia exposta pelos autores Rizzatti, Spode e Batista (2022) e Rizzatti et. al. (2022), em que os autores apresentam um vídeo tutorial para configuração do projeto no QGIS e para coleta de dados com o QField. A utilização da ferramenta começa com a construção de um projeto dentro do software QGIS, exportando-o para a extensão do aplicativo para, enfim, utilizá-lo no levantamento de forma *offline*.

No QField é possível visualizar todas as camadas vetoriais e rasters presentes no projeto, bem como desabilitá-los, ativar transparência, pesquisar, consultar a tabela de atributos, realizar vetorizações de pontos, linhas e polígonos (com uma imagem base ou com o sistema GNSS que utiliza a posição do usuário), editar uma camada já criada e preencher e/ou atualizar sua tabela de atributos (função utilizada neste trabalho), seja pelo formulário de atributos ou digitando. Também é viável aproximar-se com as ferramentas de zoom in e zoom out (RIZZATTI et. al., 2024a, p. 10).

Essa metodologia também foi aplicada nos trabalhos realizados por Rizzatti et. al. (2024a), Batista et. al. (2024), Rizzatti et. al. (2024b), Rizzatti et. al. (2023), Savian, Batista e Costa (2024) e Spode et. al. (2023), que realizam geolocalizações e mapeamentos por meio do QField. Com a metodologia proposta, isto é, organização da base de dados e estruturação do aplicativo QField, atrelado a um trabalho de campo para o levantamento de informações é possível caracterizar as áreas de pesquisa em detalhes e com foco nos objetivos.

Para a elaboração do projeto que norteou a coleta de dados, inicialmente foi inserida uma imagem de satélite do Google Satélite como camada base de fundo, facilitando a visualização dos equipamentos e sua localização durante a saída de campo. Além disso, foi incorporada também a delimitação territorial do município e de seu sistema viário, bem como uma camada

pontual para o levantamento dos edifícios contendo quatro colunas em sua tabela de atributos para a inclusão do endereço, nome do prédio, número de pavimentos e observações.

Com o projeto finalizado, este foi exportado para um *smartphone* ou *tablet* com o QField já instalado, em que houve a verificação do funcionamento adequado no dispositivo móvel para o levantamento, com todas as camadas dispostas corretamente, estando visíveis e editáveis. Terminado tal processo, enfim realizou-se a saída de campo na qual foram percorridas as ruas da cidade de Faxinal do Soturno e, quando confirmada a presença de equipamentos verticalizados, utilizando como critério a presença de três pavimentos ou mais, era acionada a edição do projeto, permitindo a inserção de um ponto no local exato do prédio com a inclusão das informações nos campos anexados a tabela de atributos da camada pontual, sempre salvando-o para a confecção dos produtos cartográficos feitos posteriormente.

Assim, concluída a coleta, levantou-se os equipamentos verticalizados de toda a área urbana do município, além de um conjunto de informações acerca deles no que tange ao número de prédios na área urbana do município, suas respectivas localizações e número de pavimentos.

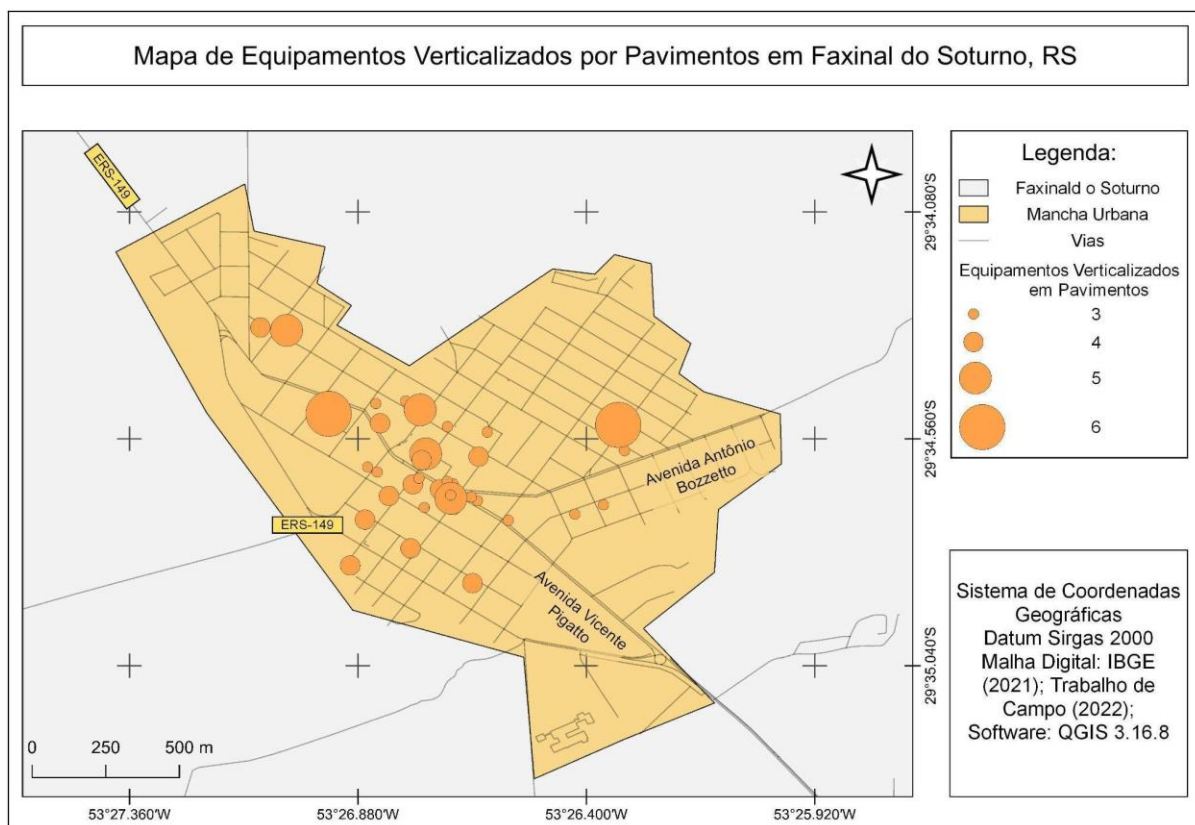
Por fim, o projeto foi transferido novamente para o QGIS, a fim de facilitar a visualização dos pontos e de seus dados e produziu-se os mapas para interpretação do contexto de verticalização da cidade de Faxinal do Soturno.

4- Resultados

A partir do levantamento de dados, foram contabilizados 36 edifícios verticais na área urbana de Faxinal do Soturno. A maior parte dos edifícios está concentrada na área central da cidade, embora haja edifícios verticais em outras porções, como nas regiões norte e sul da área urbana, conforme espacializado no mapa da Figura 2.

O maior número de edifícios se encontra na Avenida Vicente Pigatto com oito edifícios, seguido da rua 30 de Novembro, com seis prédios, além da rua Júlio de Castilhos e Sete de Setembro com quatro prédios. Há, ainda, a presença de edifícios, em menor número, nas ruas Duque de Caxias, havendo três destes, Alberto Pasqualini, Presidente Castelo Branco e Rua Uruguai com dois cada, além das ruas João Batista Zago, José do Patrocínio, Luiz Soldera, Modesta Bombardi e Vitório de David com um edifício cada.

Figura 2. Mapa de Equipamentos Verticalizados por Pavimentos em Faxinal do Soturno - RS, em 2022.



Fonte: IBGE, 2021; Trabalho de Campo, 2022. Elaboração: Os autores, 2024.

Em termos de pavimentos, a grande maioria possui três e quatro pavimentos, respectivamente 19 e 11 edifícios, que em conjunto, correspondem a 83,3% dos edifícios verticais da cidade. Entre os demais edifícios, quatro deles possuem cinco pavimentos e somente dois possuem seis pavimentos, sendo estes os edifícios verticais mais altos da cidade de Faxinal do Soturno. Todos estes dados estão sistematizados na Tabela 1 e Figura 3.

De forma mais detalhada, percebe-se que, para facilitar a visualização, na Figura 3 os números de edifícios com três pavimentos se dão acentuadamente, contabilizando 52,8% dos equipamentos verticalizados de Faxinal do Soturno - RS, seguido pelos prédios de quatro andares que manifestam 30,6% desta verticalização. Em menor número, tem-se os prédios de cinco, totalizando 11,1%, e de seis pavimentos que somam 5,5%.

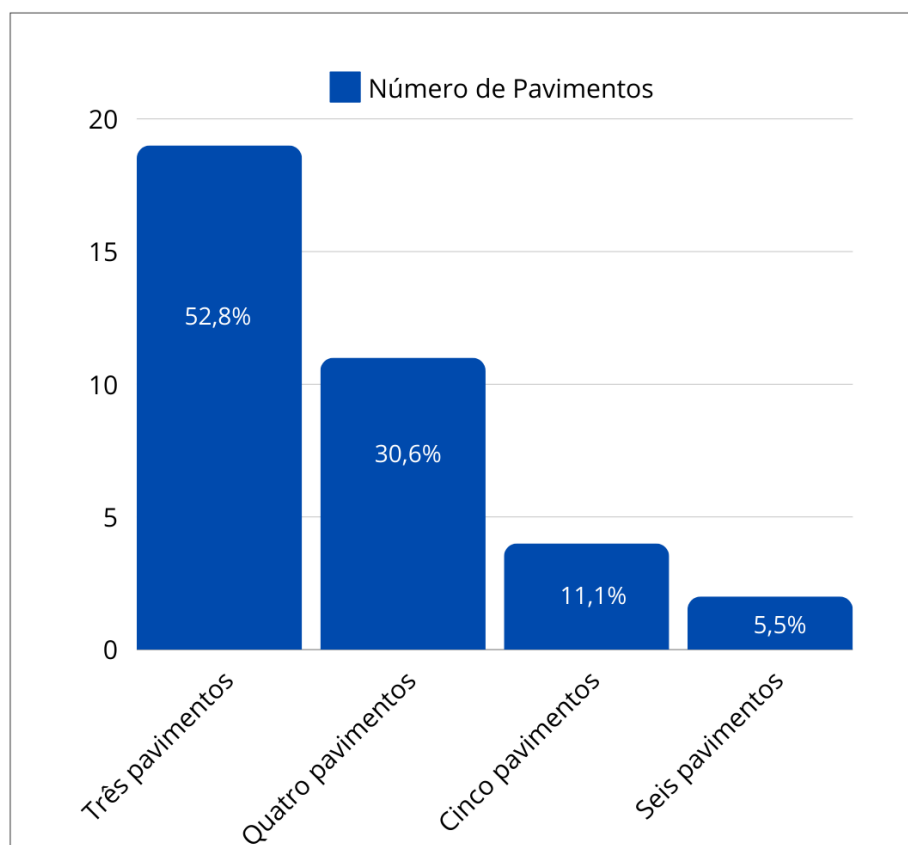
Tabela 1 - Edifícios Verticais por Ruas na Área Urbana de Faxinal do Soturno- RS, em 2022.

Rua	Número de edifícios
1- Avenida Vicente Pigatto	8
2- Rua 30 de Novembro	6
3- Rua Júlio de Castilhos	4
4- Rua Sete de Setembro	4
5- Rua Duque de Caxias	3
6- Rua Alberto Pasqualini	2
7- Rua Presidente Castelo Branco	2
8- Rua Uruguai	2
9- Rua João Batista Zago (Travessa Canarinho)	1
10- Rua José do Patrocínio	1
11- Rua Luiz Soldera	1
12- Rua Modesta Bombardi	1
13- Rua Vitório de David	1

Fonte: Trabalho de Campo, 2022. Elaboração: Os autores, 2023.

Conforme apresentado, a maior parte dos edifícios verticais estão postados na porção central da cidade, especialmente na Avenida Vicente Pigatto, muito embora, os dados demonstram uma tendência de descentralização da produção de prédios em Faxinal do Soturno. Esse processo foi descrito por Manfio e Benaduce (2016) para a área urbana do município de Nova Palma, cuja verticalização, em primeiro momento, reproduziu-se na porção central da cidade e, posteriormente, nas regiões mais distantes do centro.

Figura 3 - Edifícios verticais em relação ao número de pavimentos na área urbana de Faxinal do Soturno - RS, em 2022.



Fonte: Trabalho de Campo, 2022. Elaboração: Os autores, 2023.

Além disso, Manfio (2021) destaca que a verticalização urbana nas pequenas cidades da Quarta Colônia se apresenta, principalmente, através de edifícios com quatro e cinco pavimentos e com função mista, com equipamentos comerciais no primeiro pavimento. Esta também foi a situação socioespacial evidenciada na área urbana de Faxinal do Soturno, no qual, a maioria dos edifícios verticais são mistos, porém, a maioria possuindo três e quatro pavimentos. Na Figura 4 um mosaico de fotografias de alguns edifícios verticais na área urbana de Faxinal do Soturno, em que pode ser observado o padrão destacado anteriormente, com comércio ou garagem no primeiro pavimento, seguido por moradias nos andares superiores.

Figura 4. Mosaico de Imagens de Equipamentos Verticalizados na Área Urbana de Faxinal do Soturno - RS, em 2022.



Fonte: Trabalho de Campo, 2022. Legenda das fotografias: A) R. Trinta de Novembro; B) R. Sete de Setembro; C) R. Benjamin Santo Zago ; D) Av. Vicente Pigatto. Elaboração: Os autores, 2023.

O processo de verticalização em Faxinal do Soturno, assim como nas demais pequenas cidades da Quarta Colônia, é um fenômeno recente, apresentando-se, de maneira mais expressiva, a partir dos anos 2000. De acordo com Manfio (2021), nas cidades da Quarta Colônia, até a década de 2000 praticamente não existiam edifícios verticais, limitando-se a alguns poucos edifícios pequenos, alcançando a segunda década do século XXI com algumas dezenas.

Isto implica na alteração de toda a dinâmica socioespacial dessas pequenas cidades, com a introdução de novos usos do território, impulsionando a valorização de determinadas áreas, o incremento dos setores de construção civil e imobiliário, além da produção de um certo *status* vinculado à moradia em apartamentos em edifícios verticais. Todos estes processos socioespaciais associados à produção de edifícios verticais carecem de mais estudos aprofundados, sobretudo nestes pequenos núcleos urbanos, onde as relações sociais e a racionalidade urbana são totalmente distintas das médias e grandes cidades.

Além do mais, cabe ainda destacar sobre a importância dos agentes públicos neste processo, na promulgação de políticas de ordenamento territorial, tendo em vista que em municípios pouco populosos não há obrigatoriedade de elaboração de Plano Diretor. Este não é o caso dos

municípios da Quarta Colônia, que possuem Plano Diretor, embora não prevejam, de maneira detalhada, um ordenamento rígido de uso e ocupação do solo urbano em relação aos edifícios altos. Como coloca Manfio (2021, p. 257), torna-se fundamental que o plano diretor destas cidades se altere e “[...] dê visibilidade ao aumento de construções prediais, para, então, pensar as cidades no bojo da verticalidade e não mais da horizontalidade”.

Nesse sentido, a reprodução destes processos urbanos em pequenas cidades carece de ser amplamente discutidos pelos agentes políticos e pela população em geral, no sentido de instrumentos legais de planejamento territorial. Além disso, cabe também às diferentes ciências realizarem estudos que analisem os fenômenos que ocorrem nas pequenas cidades brasileiras, uma vez que estes pequenos núcleos urbanos vêm passando por alterações nos seus papéis na rede urbana, além de enfrentarem intensas transformações socioespaciais, sobretudo nas últimas décadas.

Refletir sobre a verticalização urbana em pequenas cidades é um desafio, especialmente porque requer a coleta de dados de campo. Muitas vezes, os dados secundários não são suficientes para atualizar as informações e discutir as realidades locais. Por esses motivos, a proposta apresentada aqui é relevante para o levantamento, análise e interpretação da verticalização urbana em pequenas cidades, especialmente ao utilizar dados geoespaciais obtidos através de softwares livres.

5 – Considerações Finais

A verticalização urbana é um processo que atinge todas as escalas de cidades, alterando suas formas e conteúdos e transformando a paisagem urbana. Nas pequenas cidades este processo de alteração da paisagem transpõe com mais intensidade, haja vista que nestes municípios, grande parte deles de economia rural, o cotidiano esteja ligado a tempos lentos, como diria Santos (2006).

No caso de Faxinal do Soturno, o qual apresentamos brevemente neste texto, a verticalização vem alterando significativamente a paisagem urbana do município, principalmente na parte central, porém, não apenas nela, mas também em áreas distantes do centro. Conforme já evidenciado por Manfio (2021) para as pequenas cidades da Quarta Colônia, a maior parte dos edifícios verticais são mistos, com estabelecimentos comerciais no pavimento térreo, e, moradias nos pavimentos superiores. Esta também é a situação evidenciada para Faxinal do Soturno, porém, há uma tendência para a produção de edifícios totalmente residenciais e com

mais pavimentos. Cabe assinalar que a maioria dos edifícios coletados em Faxinal do Soturno no ano de 2022 possuíam três e quatro pavimentos, alcançando porcentagem de 83,3% dos prédios verticais.

Por fim, salienta-se que Faxinal do Soturno, bem como as demais pequenas cidades da Quarta Colônia carecem mais estudos acerca dos processos socioespaciais que ocorrem nestes núcleos urbanos. Ademais, cabe ressaltar sobre a necessidade de investigação da reprodução destes processos urbanos em relação às políticas de planejamento territorial existentes para estas cidades, especialmente o Plano Diretor.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, bem como apoiado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) da Universidade Federal Santa Maria.

Referências

BATISTA, N. L.; RIZZATTI, M.; SPODE, P. L. C.; BRANDS, A. R.; HABOWSKI, J. T. V.; FERREIRA, L. K.; SAVIAN, C. P. Mapeamento do Uso e Ocupação do Solo Urbano na Avenida Hélvio Basso, Santa Maria/RS, Brasil. **Estrabão**: São Francisco do Sul, v. 5, p. 141-154, 2024. DOI: <https://doi.org/10.53455/re.v5i1.220>.

BISOGNIN, A. L. C. **Identidade Cultural e os Processos de Urbanização**: O Caso de Vila Verde Teto em Faxinal do Soturno, RS. Santa Maria: Repositório UFSM, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18554/DIS_PPGPC_2019_BISOGNIN_ANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 ago. 2023.

BUSANELLO, E. R. **Faxinal do Soturno**: sua história e sua gente. Santa Maria: Gráfica e Editora Rainha, 1984.

CORRÊA, R. L. As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**: São Paulo, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74228>.

GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA. **Um território de descobertas**. Disponível em: <https://www.geoparquequartacolonia.com.br/home>. Acesso em: 23 dez. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4709#resultado>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MANFIO, V. A. Verticalização Urbana nas Pequenas Cidades da Quarta Colônia/RS. **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v.5, n. 19, Pelotas, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15210/pixo.v5i19.20214>.

MANFIO, V; BENADUCE, G. M. C. A dinâmica urbana e o processo de verticalização: uma análise sobre a pequena cidade de Nova Palma (RS). In: **Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades**, IV., 2016. Ituiutaba-MG. Anais. 22 a 25 de nov. de 2016.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.

RIZZATTI, M; SPODE, P. L. C; BATISTA, N. L. A verticalização urbana em Restinga Sêca, RS: exercício metodológico para levantamento de dados geoespaciais com softwares livres. In: **VI Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades**, 2022. Anais. Campo Grande, MS: Ed UESM, 2022. p. 686-708. Disponível em: <https://eventos.uems.br/pagina/p/simposio-nacional-sobre-pequenas-cidades/anais>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RIZZATTI, M; BECKER, E. L. P; CASSOL, R; BATISTA, N. L. Cartografia Temática e Métodos de Representação: Uma revisão teórica. **Estrabão**: São Francisco do Sul, v. 4, p. 92-111, 2023. DOI: <https://doi.org/10.53455/re.v4i.77>.

RIZZATTI, M; BATISTA, N. L; SPODE, P. L. C; TRENTIN, R; RIBEIRO, E. A. W; CRUMMENAUER, C. A. Desenvolvimento de Cadastro Multifinalitário de Baixo Custo e Plataforma Web para sua Atualização: Contribuições de softwares livres e geotecnologias no planejamento territorial. **Confins**: Paris, n. 62, p. 1-16, 2024a. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.56269>.

RIZZATTI, M; BATISTA, N. L; SPODE, P. L. C; BRANDS, A. R; SANTOS, G. M. F. Entrelaçamentos entre urbano e rural: o caso de Estrela Velha no Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Geografia**: Belo Horizonte, v. 32, p. 1399-1417, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/28440>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RIZZATTI, M; BATISTA, N. L; SPODE, P. L. C; TRENTIN, R; KAYSER, L. P. Utilização de Softwares Livres no Levantamento de Informações para o Cadastro Técnico Multifinalitário. **Metodologias e Aprendizados**: Araquari, v. 7, p. 1-19, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.21166/metapre.v7i1.4059>.

RIGHI, J. V; BISOGNIN, E. L; TORRI, V. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.

RIO GRANDE DO SUL. **Genealogia dos Municípios do Rio Grande do Sul: 1809 - 2018**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201803/27155415-spgg-genealogia.pdf>. Acesso em: 19 Jul. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço - Técnica, tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: EDUSP, 2021.

SAVIAN, C. P; BATISTA, N. L; COSTA, B. P. Cidade das Mulheres? A Geografia da violência contra as mulheres em Santa Maria/RS. **Revista Geonorte**: Manaus, v. 15, n. 50, p. 48-70, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2024.V.15.N.50.48.70%20%20>.

SOUZA, M. A. A. **A Identidade da Metrópole**: a verticalização em São Paulo. São Paulo: Editora HUCITEC - Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SPODE, P. L. C; RIZZATTI, M. BATISTA, N. L; BRANDS, A. R. Modernização da Avenida Hélvio Basso, Santa Maria, RS, no Período Técnico-Científico-Informacional. **Geografia, Ensino e Pesquisa**: Santa Maria, v. 27, e 71157, p. 1-19, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499471157>.

SPONCHIADO, B. A. **Imigração e Quarta Colônia**: Nova Palma e Pe. Luizinho. Santa Maria: Editora UFSM, 2019.